

Gerações Positivas

(Reflexos á margem da exposição de Bertina Lopes, na Beira)

É já um lugar comum – mas nem por isso menos verídico – afirmar-se que a época presente vive sob o signo do social. A impregnação do social tem sido de tal modo intensa nas últimas décadas que condicionou e continua a condicionar os melhores espíritos das gerações com menos de quarenta. Criou-se assim, incontestavelmente, uma sensibilidade mais apurada em relação aos valores da fraternidade, da justiça e da solidariedade, relegando-se para o plano secundário as convenções baseadas em mitos seculares. Para esses espíritos que pensam e reflectem no destino cívico geral. Os heróis do século são aqueles que têm conseguido chamar a atenção das massas para os seus deveres solidários.

É por estarmos celularmente compenetrados desta verdade, que nos insurgimos contra os cépticos que consideram as últimas gerações como “gerações negativas”, como a “juventude do não” que sabe, ou julga saber **o que não quer**, mas é incapaz de enunciar concretamente **o que quer**. Há revolta e desespero entre essa juventude ávida de ideais ou pelo menos de certezas positivas, de verdade e de confiança no amanhã? Há sim, mas quando vê os seus ideais traídos e vilipendiados; quando é vítima das intolerâncias e obscurantismos da ética supersticiosa; quando atenta nos extremos a que se deixam levar os “ismos” políticos (haja em vista a rebelião dos magiares); quando, enfim, se vê envolvida no colete de forças das ordens sociais iníquas ou de valores destorcidos que perseguem os messias que ousam afirmar que a todos cabe idêntica fruição na vida.

Sim, repetimos convictos, a consciência dessas novas gerações sente, com grande acuidade, os valores da solidariedade, da justiça e da fraternidade. Com tão grande acuidade que frequentemente busca expressão em manifestações estéticas como a pintura. Compreenderam que a pintura é, na realidade, “coisa espiritual” num sentido mais profundo: vale pelo impacto que conseguir provocar no âmago das consciências.

Foram estas as reflexões que fizemos perante alguns dos quadros de Bertina Lopes que particularmente tocaram a nossa sensibilidade ao social.

Detenhamo-nos, por exemplo, em frente a um dos seus maiores óleos. Um rebanho de operárias negras onde sobressaem, em cambiantes sombrios como a sua peculiar existência, faces angustiadas e patéticas; ao fundo elevam-se chaminés agressivas, imponentes, triunfantes, violando os céus avermelhados, e simbolizando toda a virulência e impiedade duma civilização mecânica. Como aqueles ritos de amargura, aqueles olhares donde ressumam desvarios, representam bem o drama daquelas marginais que circunstâncias ignotas e quantas vezes pungentes, arrancaram ao bucolismos da pequena comunidade do tipo tribal em que viviam parcamente, é certo, de uma agricultura de subsistência, mas integradas em

antigos valores e sob a protecção de relações humanas baseadas no pessoal e no familiar. Assistiram à derrocada da cultura tradicional e tentam agora adaptar-se à economia monetária (quicá mais precária que a outra por se basear numa truculenta sociedade aquisitiva, na atmosfera impessoal duma urbe. Quantos debates contra a penúria, quantas lutas para abandonarem o nível de simples rodas dentadas ou de rebaixadas unidades de trabalho? No âmago, os valores antigos não foram nem eficientes, nem completamente substituídos pelos novos: a assimilação social é penosa, senão impossível e daí tantos comportamentos clandestinos e ambíguos. Erguem os braços num desespero mudo, exprimindo a violenta desintegração pessoal, os conflitos psicológicos, as descargas emocionais características da marginalidade cultural. O visitante não pode deixar de se sentir compungido por todas essas vidas atormentadas que abandonaram quicá o meio patogénico da sexualidade traficada, e tentam desesperadamente reorganizar a sua personalidade e estabilidade.

Num mundo de obrigações morais alargadas a todos os estratos, a todas as raças, a todo o planeta, e em lida contra tanta desigualdade violenta, bom é que também o dedo acusador dos artistas aponte aos bem-instalados, aos bem-educados e aos bem-alimentados que gozam as expressões capitosas da vida e se pavoneiam em mútuo embevecimento por passeios, salas, miradoiros e outros locais de parada que, não longe, multidões lutam por se articularem, por se realizarem, por conquistarem o seu lugar ao sol.

São estes temas plenos de densidade humana que tantos artistas vêm desenvolvendo, a contrabalançar a acção deletéria de outros que se limitam a exprimir os aspectos negativos e provisórios dos tempos que correm.

Honra, pois, a todos aqueles que procuram elevar a receptividade humana do ambiente, e nos incitam a abandonar comodidades mentais e físicas para contemplar, num quadro de compreensão e amor, essa “fauna maravilhosa do fundo do mar da vida”.

Honra também a Bertina Lopes como lídima representante daquelas “gerações positivas” de homens e mulheres novos, de mentalidade nova, imbuídas de responsabilidades cívicas e com o gosto e o orgulho pelas vocações sociais.

“Notícias” (L. Marques), 1958